

SPO concretiza melhorias na assistência prestada ao doente oncológico

TENDO COMO BASE O 16º CONGRESSO DA SOCIEDADE PORTUGUESA DE ONCOLOGIA (SPO), PAULO CORTES, PRESIDENTE DA SPO, ABORDA O ESTADO DA ESPECIALIDADE E, EM BALANÇO AO SEU SEGUNDO ANO DE MANDATO, ASSINALA OS FEITOS CONQUISTADOS.

A Sociedade Portuguesa de Oncologia (SPO) tem vindo a desenvolver um intenso trabalho, cumprindo a missão traçada de “tornar a SPO numa sociedade mais aberta e ligada aos sócios, e cada vez mais adaptada às realidades e necessidades atuais”. Prova desse desígnio foi a criação de cinco Grupos de Trabalho, que têm vindo a desenvolver estratégias para o impacto contínuo da SPO junto do conhecimento científico, dos profissionais de saúde e da população, cujos trabalhos e projetos em curso estão, nas palavras de Paulo Cortes, “a superar todas as expectativas” – “sabíamos, desde o início, que tínhamos uma boa estratégia e que a excelência dos profissionais que integram os diferentes grupos era já por si uma garantia de sucesso. Passado um ano, só podemos estar satisfeitos com o trabalho desenvolvido”.

Para a constituição dos grupos definiram-se áreas consideradas “fundamentais para a Oncologia atualmente e, também, para o futuro”, nomeadamente, “Dados em Oncologia”, “Sobreviventes de Cancro”, “Cuidados de Suporte e Paliativos”, “Tumores Hereditários”, e “Prevenção”.

©NEWSFARMA



Os projetos em desenvolvimento assentam em três pilares fundamentais: conhecimento científico, apoio a profissionais de saúde e benefícios para a população, que servem de base à meta traçada de “fazer da SPO a referência na área da Oncologia, seja como entidade agregadora e de disseminação de informação científica, promoção de boas práticas e formação, ou como voz ativa na comunidade através de ações que beneficiem os doentes oncológicos, familiares, cuidadores e demais cidadãos afetados pelo cancro”.

Estes projetos serão apresentados publicamente, pela primeira vez, no 16º Congresso Nacional de Oncologia.

Congresso Nacional de Oncologia

O 16º Congresso Nacional de Oncologia vai decorrer, nos dias 28 a 30 de novembro, no Centro de Congressos do Estoril. Ao longo de três dias, mais de 600 profissionais de saúde vão discutir os importantes avanços no diagnóstico e tratamento das doenças oncológicas, sob o mote “uma visão sobre o futuro da Oncologia em Portugal – ciência, estrutura e decisão”.

Nesta que é a reunião magna da Oncologia, a par da apresentação dos projetos que estão a ser desenvolvidos pelos grupos de trabalho da SPO, os participantes vão poder assistir a sessões científicas em que se abordarão as mais recentes conquistas no combate ao cancro, quer ao nível do conhecimento da doença, quer no desenvolvimento de terapêuticas cada vez mais direcionadas, mas também políticas de saúde mais assertivas.

Cada vez mais a Oncologia é multiprofissional, para além de multidisciplinar, e por isso o programa do 16º congresso foi arquitetado para proporcionar uma partilha de conhecimentos ao maior número possível de participantes. Desde temas mais abrangentes, a conteúdos mais específicos, são chamados à discussão novos assuntos, privilegiando-se igualmente o encontro com diferentes necessidades formativas. Cada participante pode assim “fazer o congresso à sua medida, optando pelas diversas sessões que decorrem em simultâneo”.

De forma a fomentar e encontrar sinergias de cooperação com entidades científicas médicas em diferentes áreas de interesse da doença oncológica, no programa do congresso tem lugar no dia 28 de novembro, uma sessão com grupos cooperativos, moderada por membros da direção da SPO. Para esta sessão foram convidados os representantes do Grupo de Estudos do Cancro do Pulmão; Grupo de Investigação do Cancro Digestivo; Grupo Português de Estudos do Cancro do Ovário; Grupo de Estudos de Cancro e Trombose; Grupo Português de Melanoma; Grupo de Estudos de Cancro da Cabeça e Pescoço e Grupo de Estudos de Sarcomas.

Num debate que se pretende ativo e de partilha de conhecimentos sobre os novos desenvolvimentos em Oncologia, Paulo Cortes adianta que os trabalhos vão iniciar com o reforço, cada vez mais fundamental, da “prevenção e cooperação dos profissionais das diferentes áreas da saúde, desde a investigação básica até ao diagnóstico, tratamento e acompanhamento dos sobreviventes”, em face de uma patologia que revela um índice de crescimento de três por cento ao ano. “Os importantes avanços no diagnóstico e tratamento das doenças oncológicas trazem uma grande esperança para o futuro, mas também grandes desafios para os quais a SPO tem de estar preparada, nomeadamente na promoção da investigação e inovação, no conhecimento cada vez mais preciso da nossa realidade epidemiológica e da capacidade assistencial e na equidade de acesso aos melhores cuidados de saúde”, assinala o presidente da SPO.

Os temas principais do congresso centrar-se-ão nos desafios da Oncologia na atualidade, a literacia e os dados em Oncologia. Decorrerá ainda uma sessão de pendor mais educacional sobre “a abordagem multidisciplinar da doença oncológica no idoso – desafios e estratégias”. Todos os dias vão arrancar com as apresentações das comunicações orais dos trabalhos científicos.

“Na área terapêutica” – avança Paulo Cortes aos Perspetivas – “teremos os novos dados que vêm consolidar a importância crescente da genómica para alcançarmos de facto uma medicina personalizada. Não sendo uma novidade, a imunoterapia é um tema incontornável em qualquer evento científico de oncologia pelos resultados que estão a ser obtidos ao nível da sobrevivência, havendo hoje uma consolidação desses resultados em diferentes tipos de tumores”.

Em discurso direto - O Futuro da Oncologia

Perspetivas (P): Quais as temáticas que estão a ser trabalhadas e se apresentam como os desafios do futuro da SPO e da Oncologia?

Paulo Cortes (PC): A nossa população está a envelhecer e a longevidade a aumentar, o que se traduz num aumento do número de diagnósticos de doenças oncológicas. Paralelamente, é de relevar que temos registado grandes avanços em Oncologia em termos de perspetivas de tratamento. As possibilidades de promovermos a cura do doente oncológico são cada vez maiores, e quando, apesar de tudo, isso não se consegue, verifica-se que a sobrevivência é seguramente mais longa. Ora isto significa também que a Oncologia é uma especialidade cada vez mais complexa e integradora de múltiplas áreas, tratamentos e conhecimentos - genéticos e moleculares - e da inclusão dessa informação. Portanto, estamos na linha da frente em termos do conhecimento e do desenvolvimento científico e, por outro lado, a nossa área de atuação é cada vez mais ampla, o que não decorre apenas do número crescente de casos. Deve-se, também, ao facto de a nossa prática envolver um número cada vez maior de alternativas. Por outro lado, o aumento dos "sobreviventes do cancro" cria desafios e necessidades particulares com os quais é necessário lidar.

©NEWSFARMA



P: Face ao crescente rácio de indivíduos diagnosticados com cancro, está a medicina e a investigação científica em saúde a conseguir responder a esta realidade?

PC: Ainda há pouco falávamos da revolução no tratamento do cancro, promovida pelos avanços recentes da biologia molecular, celular e da imunologia. São áreas que nos permitem ter um conhecimento cada vez mais aprofundado sobre a forma como as células tumorais funcionam, como interagem entre si e com o microambiente. Estes novos fármacos, tanto de terapêuticas-alvo como de imunoterapia, representam o futuro da Medicina personalizada e de precisão.

A quimioterapia ainda desempenha um papel importante no tratamento dos tumores, mas será cada vez mais complementada ou substituída por estas novas abordagens. Estamos claramente num processo de viragem e com enormes expectativas para o futuro da luta contra o cancro, com impacto que se quer positivo no Serviço Nacional de Saúde. A aposta na prevenção e o acesso a terapêuticas inovadoras, capazes de proporcionar, por exemplo, menos tempo de internamento ou menos efeitos secundários, são melhorias que não implicam um aumento na despesa, mas representam uma poupança a longo prazo que poderá ser aplicada em investigação e, conseqüentemente, mais inovação.

P: No decurso do ano transato foi lançado o Registo Oncológico Nacional, reunindo numa plataforma digital dados dos doentes oncológicos. Mecanismo pertinente na gestão em saúde, qual o balanço que faz da sua aplicação prática?

PC: A implementação do Registo Oncológico Nacional foi das iniciativas mais relevantes e que contribui para a evolução positiva da Oncologia em Portugal, dos últimos anos.

É verdade que já tínhamos registo oncológico, mas de âmbito regional, dividido em quatro plataformas. Com o aumento dos casos de cancro nos últimos anos já não fazia sentido continuarmos a ter registos partidos.

Agora passamos a fazê-lo através de uma plataforma nacional, o que nos permite uniformizar dados, otimizar processos, trazer maior eficiência e atualidade ao registo, e uniformizar tratamentos em todo o país.

É sem dúvida uma ferramenta mais robusta, do e para o futuro. Dá-nos o acesso a dados que nos permitem ter um conhecimento mais amplo da realidade portuguesa, da incidência das doenças, da efetividade dos tratamentos, sempre com o doente no centro do mesmo. Temos um mundo de informação, mas também de humanização.

P: A maior cooperação entre a SPO e outras entidades ligadas à saúde e à investigação são uma das bandeiras desta presidência. Que iniciativas já foram realizadas ou estão programadas neste sentido?

PC: A SPO tem feito um grande esforço e aposta para divulgar e colaborar em projetos de investigação, nomeadamente em estudos observacionais e epidemiológicos.

Um dos grandes projetos em que participámos no último ano, e do qual nos orgulhamos bastante, é o protocolo estabelecido com SNS 24 para o lançamento de uma linha de apoio telefónica 24h para e triagem para doentes oncológicos, em tratamento de quimioterapia/imunoterapia que entrará em funcionamento este mês (*ver caixa).

P: Qual a importância da integração dos novos especialistas nestas iniciativas?

PC: Os jovens trazem muito sangue fresco, vontade de inovar e de fazer as coisas de forma diferente. Neste momento, temos talvez a geração com a melhor preparação e formação de todos os tempos, com o domínio adequado das tecnologias e de línguas estrangeiras. Os jovens trazem uma dinâmica muito interessante aos serviços e muita vontade de partilha de conhecimento e

discussão de temas multidisciplinares. E isso tem sido visível no trabalho desenvolvido pelo NIJE, Núcleo de Internos e Jovens Especialistas da SPO, que mensalmente têm organizado cursos, webinars e outras ações sempre com o objetivo de melhorar a formação em oncologia em Portugal. Destaca-se ainda a atribuição das bolsas YOUR Project, que tem como objetivo incentivar e apoiar a investigação científica, interligando as redes nacionais e internacionais de investigadores, criando elos de ligação entre os jovens internos e as instituições de investigação básica. Todas estas iniciativas têm contado com o apoio incondicional da direção da SPO.

*PARCERIA ENTRE SPMS E A SPO

Os Serviços Partilhados do Ministério da Saúde (SPMS) e a SPO assinaram um protocolo de colaboração para a criação do novo serviço de triagem para doentes oncológicos, em tratamento de quimioterapia/imunoterapia, no SNS 24.

Este serviço especializado, disponível 24 horas por dia, terá como finalidade triar, aconselhar e, se necessário, encaminhar os utentes oncológicos em tratamento para os serviços de saúde mais adequados, consoante os seus sintomas e grau de toxicidade.

A rede de atuação do serviço será constituída pelo SNS 24, hospitais (serviços de oncologia) e institutos portugueses de oncologia que vierem a aderir ao projeto.

Os principais objetivos desta iniciativa centram-se na diminuição da utilização inadequada dos serviços de urgência, no encaminhamento dos doentes oncológicos em tratamento, de acordo com os seus sintomas e grau de toxicidade, para o nível de cuidados mais adequado e na promoção da utilização do SNS 24 como front office do SNS em situação aguda, antes do acesso a qualquer serviço de saúde presencial.

A criação desta parceria interinstitucional surge, assim, na sequência de a maior parte dos hospitais não dispor da especialidade de oncologia em permanência no serviço de urgência, pelo que, fora do horário de funcionamento desta especialidade, os doentes são avaliados por outras especialidades médicas.

